



## **JUVENTUDE NEGRA: UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL**

Autor: Juliano Gonçalves Pereira; Orientador: Luiz Alberto Oliveira Gonçalves

Universidade Federal de Minas Gerais, [juliano.afro@gmail.com](mailto:juliano.afro@gmail.com)

**Resumo:** O texto busca iniciar uma reflexão crítica sobre a representação da Juventude Negra nas discussões sobre Juventudes no Brasil e na América Latina, problematizando a forma como a ideia deste sujeito tem sido difundida ainda sob uma perspectiva colonial. Trabalha com a hipótese de um deslocamento cognitivo sobre a temática alcançado pela proximidade ao pensamento decolonial, no intuito de ajustar e corrigir a miopia da sociologia da juventude sobre o tema. A perspectiva fronteiriça nas análises expressa as mutações profundas que tem ocorrido na América Latina, e que afeta diretamente a maneira representativa das leituras feitas sobre a juventude negra na sociedade brasileira, não pautando-os somente em uma definição associada a um passado escravocrata e a indicadores de vulnerabilidades sociais e de violência. Olhar a partir do Sistema Mundo, descortina a colonialidade do poder que age como um enredamento sobre a Juventude Negra e limita a compreensão das suas experiências e atuação no Brasil e na América Latina. O artigo busca pensar outras possibilidades de percepções e leituras sobre a juventude negra, tendo que para isso expressar os limites das leituras que vem sendo estruturados sobre esta categoria. O texto também pontua desafios sobre o tema e reconhece a necessidade de estudos mais profundos que contraponham a matriz euro/norte americana, moderno/capitalista, colonial/patriarcal na lógica de análise sociológica, para as futuras produções teóricas sobre juventude negra. Neste sentido, apontar os limites e contradições ainda presentes nesta ciência é uma forma de contribuir para sua ampliação, superando uma perspectiva de análise parcial das leituras das suas experiências identitárias destes sujeitos. O olhar decolonial contribui para preencher o entendimento de juventude negra com sua vasta experiência e retira dos corpos negros a marca da condenação de viver de empréstimo, de comparações injustas, à sombra de uma imagem que nunca refletirá a totalidade da verdadeira essência de suas experiências sociais. Um passo importante nesta discussão será dado com a superação do desejo pelo reconhecimento dentro de uma lógica euro/norte americana e com o (re)conhecimento dos jovens negros em suas reais e diversas atuações.

**Palavras Chave:** Juventude Negra, Representações, Colonialidade, Decolonial.



**III CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## INTRODUÇÃO

*Por que vocês não sabem do lixo ocidental?*

*Não precisam mais temer*

*Não precisam da solidão*

*Todo dia é dia de viver*

*Por que você não verá meu lado ocidental?*

*Não precisa medo não*

*Não precisa da timidez*

*Todo dia é dia de viver*

*Eu sou da América do Sul*

*Eu sei vocês não vão saber*

*(Para Lennon e McCartney – Milton Nascimento)*

As representações de Juventude Negra são problemáticas, pois não traduzem as reais experiências dos jovens no Brasil e na América Latina. Da maneira com tem sido retrada, a juventude negra atua como sujeitos identitários e políticos que são resultado de uma articulação de heterogeneidades, consequências de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de expropriação colonial, escravidão e da modernidade racializada em que vivemos. Ainda falta uma elaboração conceitual que desafie compreender e apresentar a complexidade deste sujeito social, sem a vinculação a uma *condição juvenil*<sup>1</sup> de vítimas, suspeitos, vulneráveis e subalternos. É preciso compreender a Juventude Negra de forma integral, como agentes transformadores e potenciais para a sociedade brasileira e para América Latina.

<sup>1</sup> A ideia de “condição juvenil” parece adequada aos objetivos deste artigo. Do latim, *conditio* refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas também se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim, existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. Nesta análise, permite-se levar em conta tanto a dimensão simbólica quanto os aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais a produção social da juventude se desenvolve (ABRAMO, 2005).

<sup>2</sup> Este artigo parte da ideia de que existem juventudes no plural e não no singular. Esta lógica ajuda alcançar compreensões importantes sobre esta categoria social, porém, não é o suficiente para estruturar tratamentos igualitários e justos, que condizem com a diversidade destes sujeitos sociais para que sejam compreendidos e tratados na totalidade de suas experiências, a partir da realidade de seu do *local social*.



Os primeiros anos do século XXI tem sido propícios para o debate sobre o tema *juventudes*<sup>2</sup>. Estas ganham espaço como sujeitos sociais e políticos, alcançando centralidade nas decisões no Brasil e no mundo, seja pelo percentual representativo e decisório nas eleições, pelas inovações tecnológicas produzidas e dominadas, seja como consumidores, ou como agentes e vítimas de atos violentos, a exemplo dos ataques terroristas de Paris, em novembro de 2015, ou de Orlando, em junho de 2016. Vivemos um período de comoção mundial pela perda de jovens nestas duas cidades, porém o mesmo não acontece quando as vítimas estão fora do eixo territorial Europa/Estados Unidos.

As perguntas feitas na canção que abre este artigo, interpretada por Milton Nascimento<sup>3</sup>, convidam à reflexão sobre as representações das juventudes no mundo. Em forma de carta, a canção é um alerta a dois jovens membros do grupo musical britânico “Os Beatles” sobre a existência de outras experiências juvenis presente na América do Sul, no Brasil e mais precisamente, em Minas Gerais. A interpretação de Milton Nascimento localiza e destaca a experiência de um jovem negro mineiro que busca se apresentar a outros jovens de sua geração, chamando atenção às suas particularidades. A partir desse convite, apresentamos a problematização dos limites conceituais das representações até então conhecidas.

### **Suportes para a descolonização da sociologia da juventude**

A representação da Juventude Negra precisa ser revelada em suas várias dimensões, e a iniciativa por fazê-lo parte das ações históricas do Movimento Social Negro e encontra constitucionalidade na *Lei 10639/03*<sup>4</sup>, que orienta a outros olhares sobre a experiência negra no Brasil.

O significativo aumento do percentual de autodeclarados negros no Brasil constitui outro aspecto importante para a análise que o artigo propõe. O Censo Demográfico de 2010, aferido por meio da PNAD - Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílios, destaca que naquele ano pela primeira vez na história desta pesquisa, 50,7% de um total de 190.732.694 pessoas se

---

<sup>3</sup> “Para Lennon e McCartney” é uma música composta por Lô Borges, Márcio Borges e Fernando Brant no final dos anos de 60 do século XX, e faz parte do LP original “Milton”, de Milton Nascimento, gravado em 1970.

<sup>4</sup> Esta Lei altera a LDB – Lei das Diretrizes de Bases da Educação Brasileira – e estabelece o ensino da história e da cultura africana e das contribuições dos negros para a história e cultura brasileira, tornando obrigatória a inserção de outros olhares sobre os negros, nos currículos do ensino básico e dos cursos de licenciatura em História, Artes e Letras, como construtores e pensadores deste país.



autodeclararam negras. Em 2013, a PNAD pontua que em dez anos, a população autodeclarada preta no país cresceu 2,2 pontos percentuais, passando de 5,9% do total de brasileiros em 2004, para 8% em 2013. Além dos pretos, cresceu também o número de pessoas autodeclaradas pardas. Juntos, os conceitos de pardo e preto formam a população negra do país, que passou de 48,1% em 2004 para 53% em 2013. A diferença entre os autodeclarados pretos em 2004 e em 2013 é de 5,2 milhões de pessoas. Em 2014, a PNAD constatou que a população brasileira cresceu 0,9% e totalizou 203,2 milhões de pessoas e o número de habitantes que se declara de cor preta e parda continua aumentando e somava 53,6% da população brasileira ou seja, 109,8 milhões de brasileiros.

Em Minas Gerais, a população estimada em 2015 era de 20.869.101 habitantes. Destes, 53,8% eram autodeclarados negros, 46% brancos e 0,1% indígenas e amarelos. Na cidade de Belo Horizonte, conforme dados do Censo IBGE 2010, a população total do município era de 2.375.151 residentes, dos quais 632.250 eram jovens de 15 a 29 anos. Entre a população total, 1.244.006 (52,4%) eram negros. Entre os jovens, 346.041 (54,7%) se autodeclararam negros (BRASIL/MDS, 2015). O percentual de população negra no Brasil tem crescido, e com ela o percentual de Juventude Negra. Este fenômeno provoca a necessidade de representações mais adequadas e próximas da realidade deste segmento.

Mesmo sendo maioria entre a população jovem, as representações da Juventude Negra não revelam a totalidade de suas experiências e ela não é prioridade nas políticas públicas para a juventude. As análises sobre este segmento, a partir de parâmetros dominantes euro/norte americano, moderno/capitalista, colonial/patriarcal e de normatização na sociedade, são limitados para se compreender a complexidade desta experiência social.

Aníbal Quijano (2000), ao descrever sobre o *Sistema Mundo* e suas implicações na sociedade, aponta a crítica de um todo histórico-estrutural heterogêneo dotado de uma matriz de poder específica a que chama "matriz de poder colonial" (patrón de poder colonial). Esta premissa afeta todas as dimensões da existência social, como a sexualidade, a autoridade, a subjetividade, trabalho, e aqui incluo *geração*, para se pensar Juventude Negra. Por meio de uma matriz de poder colonial atribuímos as leituras que constituem as representações sociais da Juventude Negra, e isso limita a compreensão deste segmento.

Olhar a partir do Sistema Mundo, descortina a colonialidade do poder que age como um enredamento sobre a Juventude Negra e limita a compreensão e atuação destes na sociedade. Agindo de forma *interseccional*<sup>5</sup>, como descrito pelas feministas negras (Crenshaw, 1989; Fregoso,



2003), este sistema de múltiplas e heterogêneas hierarquias globais "heterarquias", define, orienta e diferencia formas de dominação e exploração política, epistêmica, econômica, espiritual, linguística, sexual e racial dos indivíduos na sociedade moderna/colonial.

Nestas condições, mesmo a representação feita por ativistas do Movimento Negro, deve ser problematizada, por não se desvincular dos conceitos da matriz colonial de poder. Ao questionar a maneira como o termo Juventude Negra vem sendo estruturado dentro da Sociologia da Juventude no Brasil, percebe-se que este é pautado em referenciais coloniais euro/norte americanos, que mantém os jovens negros em um lugar de subalternidade, violência, mortalidade e vitimação.

São inegáveis as contribuições que a Sociologia da Juventude tem dado para o tema Juventude Negra. Neste sentido, apontar os limites e contradições ainda presentes nesta ciência é uma forma de contribuir para sua ampliação, superando uma perspectiva de análise parcial nas leituras das suas experiências identitárias. Outros olhares são necessários para se pensar um “Eu Social” Juventude Negra, a partir de um “olhar de dentro”, e a organização *rizomática*<sup>6</sup> deste tema nos debates sobre juventudes é fundamental.

Danilo Martuccelli salienta os limites de uma sociologia tradicional que busca apreender o indivíduo com base em certa representação do mundo social. Para ele, uma leitura tradicional tenderia a conceber a significação e a trajetória das ações dos indivíduos deduzidas de sua posição e função em um domínio social constituído. De acordo com essa perspectiva, as condutas dos indivíduos seriam formadas e deformadas pelos agenciamentos das estruturas invisíveis que constituiriam as ações individuais; os sujeitos, por sua vez, seriam percebidos como produto imediato de um entrelaçamento de forças de origem social (SPOSITO, 2013).

---

<sup>5</sup> A interseccionalidade é um conceito gerado a partir das experiências e necessidade das mulheres negras (e outras mulheres não brancas) em identificar os elementos e mecanismos que incidiam sobre suas condições de vida e status produzindo e perpetuando as situações de exclusão e desigualdades que têm vivenciado na sociedade. A partir deste conceito lhes foi possível compreender, qualificar e explicar como estes grupos são impactados por múltiplas formas de discriminação que ocorre no processo de hierarquização baseada em critérios raciais, de gênero, de classe e geração derivado da lógica da sexualidade heteronormativa. Interseccionalidade nos possibilita compreender o entrecruzamento de múltiplas formas de discriminação, processo que tem sido descrito de vários modos na literatura acerca do tema como: discriminação composta, cargas múltiplas, ou como duplas ou triplas discriminações. (CRENSHAW, 2002, p. 177). As análises sob a ótica da interseccionalidade usadas neste artigo possibilitam alcançar os interesses investigativos que sedimentam e orientam as expectativas das particularidades da experiência da Juventude Negra dentro da própria categoria e dela dentro dos debates sobre Juventudes no Brasil.

<sup>6</sup> O que Deleuze e Guattari chamam de rizoma é precisamente um caso de sistema aberto. Um sistema é um conjunto de conceitos dispostos de forma não hierarquicos. Um sistema aberto é quando os conceitos são relacionados a circunstâncias e não mais a essências. Mas por um lado os conceitos não são dados prontos, eles não preexistem: é preciso inventar, criar os conceitos, e há aí tamanha invenção e criação quanto na arte ou na ciência.



Glauca Villas Bôas (2006), ao notar a ausência de um modo singular de *imaginação sociológica* que caracteriza o pensamento brasileiro, aponta para uma tendência em se deixar guiar por parâmetros exógenos ditados por uma pretensa modernidade, que acaba por desviar a atenção do pesquisador das reais experiências aqui existentes. Em suas palavras:

*Se há tentativa para conhecer o perfil cognitivo da sociologia brasileira, tal tentativa se limita a medi-lo exclusivamente por um conjunto de interpretações relacionadas às possibilidades de adequação do país a um modelo de modernidade construído 'fora' de seus limites territoriais, culturais e políticos. Em consequência do uso excessivo dessa medida, o tratamento da relação entre as tradições sociológicas de diferentes contextos nacionais se limitou a apontar as idéias que estão dentro ou fora do lugar; ou ainda as idéias que contribuíram para criar um país legal versus o país real. (...) Em geral, os estudos realizados dessas perspectivas confirmam de modo impecável os cânones interpretativos que consagraram a imagem de um país fora do lugar, inadequado, triste, atrasado. (VILLAS BÔAS, 2006, p. 11-12)*

Outras formas de ler as experiências da Juventude Negra e suas representações são importantes e possíveis para se alcançar um “olhar de dentro”. A partir da proposta de Villas Bôas, podemos pensar o deslocamento do “sujeito legal” para o “sujeito real”, precebendo as diversidades desta condição juvenil.

Martuccelli ao perceber as dificuldades da sociologia contemporânea, afirma que a situação atual obriga a repensar os enquadramentos, seja no continente europeu, seja na América Latina. O autor acredita na crise da ideia de agente ou ator social e a correspondência estrita entre trajetória social, processo coletivo e vivência pessoal exige da sociologia novos caminhos. A questão do social não pode mais ser apreendida exclusivamente a partir das posições sociais, de um sistema de relações sociais ou de certa concepção de ordem social. A novidade relativa da situação atual, segundo o autor, provém do fato de que, daqui para frente, entre o vivido pelos atores e a linguagem dos analistas, a distância não cessa de crescer (SPOSITO, 2013).

Nesse sentido, as classes sociais deixam de ser o formidável princípio de unidade política, intelectual e prática da vida social. Os estudos sobre trajetórias e experiências individuais tornam-se hesitantes. As fronteiras entre os grupos sociais, sem desaparecerem, fazem dos percursos experiências fluidas. Além de tudo, de acordo com Martuccelli, não existiriam universos fechados para os indivíduos, sendo difícil pensar os significados das ações ou suas determinações exclusivamente a partir da posição ocupada por um ator social em um contexto bem circunscrito (SPOSITO, 2013).



A descolonização da Sociologia da Juventude perpassa pela superação da miopia colonial que insiste na condição de subalternos para a Juventude Negra, subestimando a sua competência e a forma com os próprios sujeitos recepcionam e elaboraram as ideias produzidas sobre si e sobre o mundo. A lógica epistêmica que envolve a América Latina cria leituras orientadas das experiências sociais da Juventude Negra, induz à reprodução de estereótipos, forçando um enquadramento moldal a partir de um “olhar de fora” euro/norte americano que não reconhece as diversidades desta experiência.

Tal realidade propicia a aproximação das reflexões sobre Juventude Negra ao *Pensamento Decolonial*<sup>7</sup>, que leva a um “olhar a partir de dentro”. O olhar decolonial contribui para preencher o entendimento de Juventude Negra com sua vasta experiência e retira dos corpos negros a marca da condenação de viver de empréstimo, de comparações injustas, à sombra de uma imagem que nunca refletirá sua verdadeira essência. Um passo importante nesta discussão será dado com a superação do desejo pelo reconhecimento dentro de uma lógica euro/norte americana e com o (re)conhecimento dos jovens negros em suas reais e diversas atuações.

### **A decolonialidade da Juventude Negra**

Nos estudos sobre Juventude Negra, Pereira (2015) apresenta que um “*possível momento histórico para se pensar na estruturação da ideia de um sujeito social e político Juventude Negra, alicerça-se na experiência do I Encontro Nacional da Juventude Negra (ENJUNE), realizado em 2007, na cidade de Lauro de Freitas (BA)*”. Neste encontro, a militância política se destaca e disputa o conceito universal de juventudes, buscando demarcar a experiência negra nos assuntos de juventude. A partir da realidade de ativismo vivida pela Juventude Negra, a contestação dos atos violentos, em especial os praticados pelo Estado, foi disparador de ações que estruturaram e formularam a ideia de um sujeito social Juventude Negra, no entanto, mesmo essa, parece estar vinculada a matriz colonial de poder, por condicionar a experiência de um segmento à violência.

A definição mais simples para o termo Juventude Negra classifica as pessoas de idade entre 15 a 29 anos<sup>8</sup> autodeclarados negros pelo censo demográfico brasileiro. Porém, a forma como

---

7

Para uma maior compreensão deste pensamento, ver “El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Santiago Castro-Gómez e Ramón Grosfoguel.

8

Período da vida que no Brasil se determina a juventude (CONJUVE, 2005).



pensamos estes sujeitos sociais no Brasil, está alicerçado em um saber/poder que sustenta as bases científicas ocidentais, que hierarquizam e/ou desqualificam uns em detrimento de outros, constitutivos de um modelo universal de ser jovem que estrutura as produções de conhecimento.

Em uma rápida pesquisa nos sítios de busca com o termo “Juventude Negra”, percebemos que associado a ele há expressões como *exterminio, enfrentamento ao genocídio, genocídio, violência, redução da maioridade penal e mortalidade*. O termo “exterminio de jovens negros” que tem sido denunciado historicamente pelo Movimento Negro, ganhou força a partir de 2007 com o ENJUNE, que buscava sensibilizar a sociedade sobre as grandes perdas desta população, associando o termo à condição social de vulnerabilidade, que na realidade tem sua origem na gênese da sociedade brasileira, pois, em tempos de escravidão, os jovens perdiam suas vidas de forma precoce, um mal necessário ao modelo colonial civilizatório que se constituiu na sociedade brasileira e na América Latina (PEREIRA, 2015).

Ao lermos Juventude Negra “de dentro” percebemos as diversas representações possíveis, para além da condição de vítimas, vulneráveis e subalternos, e as localizamos como potencialidades, vanguardas, consumidores e construtores de uma sociedade melhor, tal qual foi proposto por mulheres negras, para melhor compreensão de suas experiências e especificidades. Vale ressaltar que também a Juventudes Negra possui heterarquias internas de gênero, classe, localização geográfica, religiosidade, orientação sexual, etc. que precisam ser consideradas na compreensão deste termo.

Esta reflexão a partir de uma linha crítica contestatória, mostra que o sujeito estudado é diverso e precisa ser pensado no plural, porque existem várias “Juventudes Negras”, em condições existenciais diferentes. Este segmento é composto por mulheres, gays, universitários, mães e pais, empresários, artistas entre outros, dispostos em situações distintas econômica, intelectual e territorialmente, que também são Juventudes Negras.

Walter D Mignolo, teórico decolonial, apresenta que “subalterno” não constitui uma categoria, mas sim uma perspectiva. Para o autor “(...) a atual versão dos estudos subalternos da América Latina está dentro do arcabouço delineado por Darcy Ribeiro, com sua visão da colonização como uma subalternização de povos e culturas” (MIGNOLO, 2003). É fundamental a superação desta lógica dominante subalterna, que afeta a estruturação de um pensar crítico sobre os sujeitos na sociedade, para aprimorar o “olhar de dentro” e alcançar outras representações.

O poeta martinicano Aimé Césaire, ao tomar progressivamente consciência da forte influência da situação colonial, formula o termo “*Negritude*” que também se tornou um projeto,





mais cultural do que político, na busca por uma objeção à opressão cultural do sistema colonial. Para Césaire, tratava-se de questionar além de uma visão partidária e racial do mundo, um humanismo ativo e concreto, destinado a todos os oprimidos do planeta<sup>9</sup>. Na intenção do poeta, a necessidade de criação de um novo termo que desse conta da experiência negra no mundo era fundamental. O mesmo exercício é necessário para se capturar a ampla experiência da Juventude Negra na América Latina e no Brasil.

Os modos de produção e reprodução dos processos civilizatórios que atravessam o tempo e se renovam histórica e socialmente, estão de acordo com cada sociedade e cultura, que criam eixos de subordinação, que reforçam a condição de cada indivíduo ou grupo e impedem o acesso e o exercício de direitos, gerando: invisibilidade; violência; discriminação; segregação; destruição cultural e histórica, empobrecimento e não redistribuição de renda e acesso dificultado aos direitos e às políticas públicas e a não participação no poder (XAVIER, 2012).

O olhar colonial reconhece a Juventude Negra como herdeira de representantes do povo negro, que traz em si, nos seus corpos, as marcas das experiências e dos desdobramentos de ser negro no Brasil. Embora hoje já se reconheçam as lutas por direitos civis do Movimento Negro, os jovens são aprisionados nos resquícios de uma mentalidade escravocrata, ainda presente no século XXI e por isso, percebidos pejorativamente como sujeitos propensos à insurreição, logo, suspeitos e violentos (PEREIRA, 2015).

Porém, são diversas as condições de ser Juventude Negra, e estes jovens significam os espaços, por meio dos estilos de vida, da produção de culturas juvenis, de padrões de consumo, das relações de poder, dos espaços de lazer ou por meio das sociabilidades (DAYRELL e CARRANO, 2015). Em Terreiros de religiosidade de Matriz Africana, por exemplo, é comum jovens serem valorizados de forma integral, em todas as suas potencialidades, tendo obrigações e responsabilidades condizentes à sua capacidade. Outro exemplo pode ser percebido no Congado, manifestação religiosa afro-católica mineira, onde jovens assumem responsabilidades dentro dos processos rituais e culturais comunitários. Também em famílias pobres, jovens assumem as despesas da casa, exercendo importante papel econômico em sua comunidade. Ao trazer para o centro de reflexões estas realidades, descortina-se a *fronteira* onde estes habitam.

### **Juventudes Negras**



São várias as Juventudes Negras no Brasil e na América Latina, com diversas dimensões de gênero, classe, território, orientação sexual, religiosidade, que apresentam uma pluralidade de condições e experiências sociais.

Juventudes Negras são sujeitos que formulam, reiventam e impactam as sociedades onde vivem. São indivíduos que possuem suportes variados, que contornam circunstâncias adversas do racismo para sobreviver. São jovens que têm se multiplicado, em números estatísticos e em talentos variados, por meio da aceitação de sua condição étnica, e contruindo fortes estratégias de ser Juventudes Negras, a exemplo da *geração tombamento*<sup>10</sup>, tema de uma próxima reflexão. São jovens que compõe e afetam a sociedade, culturalmente, economicamente, e constroem ferramentas para o desenvolvimento deste país.

### **Bibliografia**

CARRANO, Paulo, DAYRELL, Juarez. Juventude e Ensino Médio: quem é esse aluno que chega à escola? In: CARRANO, Paulo, DAYRELL, Juarez, LINHARES, Carla. Juventude e Ensino Médio: diálogo, sujeitos e currículo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

CÉSAIRE, Aimé - Geledés <http://www.geledes.org.br/aime-cesaire/#ixzz45vA6PGvr>

CONJUVE. Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude; Fundação Friedrich Ebert, 2006.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o Encontro de Especialista em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero. Estudos Feministas, 171-177. 1/2002.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, no 24 set/dez, 2003.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Simpósio Internacional “Cuitat.edu: nuevos retos, nuevos compromissos”. Barcelona outubro de 2006.

FREGOSO, Rosa Linda (2003), MeXicana Encounters: The Making of Social Identities in the Borderlands. Berkeley: University of California Press. Grosfoguel, Ramón (1996), "From

10

A geração tombamento tem propagando o fortalecimento, reconhecimento e empoderamento estético entre negras e negros em diversas regiões do Brasil. São jovens que ousam no modo de vestir e agir na sociedade, É possível observar essa tendência nas avenidas e ruas, nas mais variadas festas, nos blogs de estilo e nas redes sociais. A característica que se destaca na estética Fashion Rebels é a junção de ousadia, inovação, mistura de épocas (old school clothes), cores, estampas e ressignificação das peças de roupas. Os adeptos dessa tendência também são reconhecidos por subverterem os padrões de gênero que as roupas carregam. Por exemplo, saias e vestidos não são apenas utilizados por mulheres, passando a compor, também, looks masculinos. Outro aspecto importante é o fato de que suas roupas e acessórios são adquiridos em brechós, através de doações, trocas ou em grandes balaios (feiras livres), o que alia a estética a um consumo sustentável e consciente. Mais ver: <[tp://www.geledes.org.br/fashion-rebels-geracao-tombamento-da-africa-do-sul/#ixzz4FuoDG38z](http://www.geledes.org.br/fashion-rebels-geracao-tombamento-da-africa-do-sul/#ixzz4FuoDG38z)>ht



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

Cepalismo to Neoliberalism: A World–System Approach to Conceptual Shifts in Latin America", Review, 19(2), 131–154.

GELEDÉS. Fashion Rebels: A geração tombamento da África do Sul.

OLIVEIRA, Míria G. Educação Étnico-racial e Formação Inicial de Professores no Brasil: armadilhas discursivas na recepção da Lei 10.639/03.

PEREIRA, Juliano, G. À Flor da Pele: a juventude negra feminina na agenda política de juventude no século XXI. Dissertação de Mestrado. CEFET/RJ. 2013.

QUIJANO, Aníbal (1998), "La colonialidad del poder y la experiencia cultural latinoamericana", in Roberto Briceño–León; Heinz R. Sonntag (orgs.), Pueblo, época y desarrollo: la sociología de América Latina. Caracas: Nueva Sociedad, 139–155.

\_\_\_\_\_. (2000), "Coloniality of Power, Ethnocentrism, and Latin America", NEPANTLA, 1(3), 533–580.

\_\_\_\_\_. QUIJANO, Aníbal (2000) "Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina", en: Edgardo Lander (comp.), Colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas, Buenos Aires: Clacso/Unesco, pp. 201-246.

MARTUCCELLI, Danilo. Sociologies de la modernité . Paris: Folio Gallimard, 1999.

\_\_\_\_\_. Grammaires de l'individu. Paris: Gallimard. 2002.

\_\_\_\_\_. Forgé par l'épreuve: l'individu dans la France contemporaine. Paris: Armand Colin, 2006.

\_\_\_\_\_. Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo. Santiago: Ed. LOM, 2007.

\_\_\_\_\_. Existen individuos en el Sur? Santiago: Ed. LOM, 2010b.

MIGNOLO, Walter (2003). Histórias locais/Projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

RIBEIRO, Darcy (1995) O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. (2001) O processo civilizatório. Etapas da evolução sociocultural. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SPOSITO, M, P; SETTON, M, G, J. Como os indivíduos se tornam indivíduos? Entrevista com Danilo Martuccelli. São Paulo, 2013.